

R E C E N S Ã O

FEHÉR, Ferenc. **O Romance está morrendo?** 1.^a ed., Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra S.A., 1972.

João Décio e Lurdes Andreassi, respectivamente, professor titular e auxiliar de ensino de Literatura Portuguesa da FAFI de Marília.

Ferenc Fehér, discípulo de Lukács, surge, em oposição ao seu mestre, com um novo livro como contribuição à teoria do romance, este livro é: **O romance está morrendo?**

Leandro Konder na introdução ao livro diz que "este ensaio de Ferenc Fehér se desenvolve em firme polêmica com a **teoria do romance**, obra publicada por Georg Lukács em 1916".

Ferenc Fehér quer mostrar com este seu ensaio que a forma romance não morreu, visto o grande interesse que desperta ainda no público "apesar do **Ulysses**, apesar do empenho das sucessivas ondas 'vanguardistas', apesar de Adorno e Goldmann, apesar do 'anti-romance' e apesar das debilidades dos defensores do romance".

O romance não é uma forma morta e consumida pelo público, mas sim uma forma renovada que conseguiu produzir muito e se impor cada vez mais, e entre seus inovadores estão **A montanha mágica**, de Thomas Mann, e **A condição humana**, de André Malraux. Fehér em seu ensaio tenta nos mostrar com o devido rigor teórico o que é o romance, como surgiu, sua evolução e, mais importante ainda, toda sua transformação, desde seu aparecimento até nossos dias.

A forma literária romance tende a ser substituída por uma forma narrativa mais curta, o que poderíamos identificar com o conto, e essa substituição é importante e também uma necessidade do homem moderno, pois, com a evolução, com o progresso do mundo atual, muito se tem restringido o tempo para o homem, e isso impõe uma redução também no romance.

Lukács propõe o romance como uma tarefa não resolvida, uma forma problemática que teve sua origem num ambiente também problemático que foi o mundo burguês. E assim, Ferenc Fehér, tentando explicar a revalorização da forma narrativa, coloca de um lado o grupo conservador no qual ele está situado em oposição ao grupo da vanguarda que impõe uma

idéia de desaparecimento do romance que nasceu com a burguesia, teve seu ponto alto no século XIX e continua evoluindo, transformando-se e criando seu próprio mundo.

O que morreu, pode-se dizer, foi o romance tradicional, mas a forma narrativa continua e continuará a existir, desde que o homem existe e sente necessidade de exprimir suas idéias, seus sentimentos e suas sensações.

O romance que antes procurava focalizar e apresentar uma sociedade e conseqüentemente seu herói como produto de uma sociedade, hoje gira exclusivamente em torno das idéias deste herói, de seus problemas interiores, de seu "eu" não social mas individual. O herói torna-se então estático, não age, senão que pensa e aprofunda suas idéias em torno de seu "eu", e é esta uma tentativa de maior aproximação do real. Esta forma narrativa desprende-se daquele mundo irreal, imaginário e vai gradativamente transformando-se e aproximando-se do mundo real, do ser humano, acompanhando assim a evolução do próprio mundo e com ele tocando mais diretamente o homem e seus problemas interiores.

A forma tradicional do romance sofreu profundo abalo, e vimos desaparecer todo o encadeamento lógico dos fatos, a coerência psicológica, a interpretação racional da realidade, todas estas convenções que surgiram dentro da estrutura narrativa através da burguesia.

Ferenc Fehér mostra, então, em seu ensaio, toda a evolução do romance desde a epopéia, o romance histórico e chega ao romance moderno que apresenta uma lógica nos fatos, e acrescenta que "a mais delas das epopéias era um produto do espírito coletivo, todo um grupo de homens reconhecia nela suas próprias preocupações, suas experiências vividas, seu destino. O romance, ao contrário, comporta sempre o risco de se tornar — no sentido mais estreito e deletério do termo — uma história privada".

O romance, surgindo com o movimento romântico que lutou por sua liberdade pessoal, vem retratar de início uma sociedade tipicamente burguesa, de uma burguesia em ascensão, mas esses laços da sociedade familiar são rompidos, dando então destaque ao homem não como produto do meio mas o homem enquadrado em seu tempo. Com a decadência da burguesia surge a necessidade de expressão do mais íntimo do ser humano, e a forma narrativa começa a girar em torno do homem, de seu inconsciente do ser humano.

"Essa libertação do tradicional e da herança foi seguida pela criação de pequenas comunidades humanas livremente consentidas; na maior parte do tempo, o que ocorria era o processo que podemos balizar como o anonimato crescente do herói do romance. Sabe-se cada vez menos sobre a origem, a família, o passado do herói e torna-se notório que os nomes, que nos primeiros tempos do romance possuíam uma grande força de caracterização, perdem todo seu poder, não se ligando, mais ou menos estreitamente, às figuras que os carregam."

E neste sentido o romance adquire sua total liberdade de criação e leva a considerar não mais o herói e suas ações mas as conseqüências destas ações, os seus efeitos positivos ou negativos tais como serão rotulados pela sociedade. E assim, através da modificação de formas e conteúdos do romance, a tendência geral desta forma narrativa é para uma maior interiorização do ser, da personagem em questão e desta forma dar maior verossimilhança à vida focalizada neste mundo recriado.

Assim que esta narrativa interessa-se cada vez menos pelos fatos objetivos, pelas atividades exteriores de seus personagens, para exprimir as formas de relações humanas, os sentimentos e suas sensações.

Goethe assim se expressa: "O romance é o conjunto de todos, que forma a humanidade", e Ferenc Fehér acrescenta que esta observação de Goethe deveria ser "colocada, à guisa de epígrafe, na primeira página de todos os romances".

A importância do livro de Ferenc Fehér reside em nos levar a pensar sobre o problema crucial da crise ou da possível morte não só do romance como também da própria literatura e, como extensão, da pintura, da música e de outras artes. No caso do romance, contudo, pensamos nós, enquanto for impossível pensar num mundo fora da arte, idéia defendida por Vergílio Ferreira em alguns de seus ensaios, especialmente em *Carta ao futuro* e *Espaço do invisível*. Para se aferir a importância deste problema é só propor-se a seguinte hipótese: imagine-se que a partir de amanhã não haja mais música (popular ou clássica), pintura, poesia, romance, literatura, escultura, dança, arquitetura, arte enfim. Teria sentido um mundo em tais termos? Outro aspecto é que, se admitirmos (e não é fácil fugir disso) que o romance é uma consciência do mundo ao nível dos sentimentos, das sensações, das idéias, num sentido totalizante, enquanto vivermos haverá sempre a necessidade de um mundo onde haja arte, de modo que o romance ou outra forma narrativa que o substitua tem de existir. Ainda mais, enquanto tivermos necessidade de mundos iguais ou melhores que o nosso (para nos revermos neles e também nos consolar-mos com eles), o romance ou outra forma narrativa que implica na criação de outros mundos, não pode perecer.

Afinal, três idéias, duas extremas e uma equilibrada parecem brotar de toda esta problemática em torno da crise do romance. A primeira é que a morte do romance (e por extensão de toda literatura) é iminente e é questão de tempo; outra, que o romance continua a ser a forma literária burguesa e à burguesia destinada; outra, mais coerente, que o romance tem-se alterado, tem evoluído e que poderá se alterar ainda mais. Veja-se que o romance, tendo começado como simples história romanesca e sentimental e de caráter pessoal, subjetivo, individual, no romance romântico, evoluiu para um enquadramento social e moral da personagem, onde ela respondia às questões como e onde, no romance realista. Em seguida, tenta responder aos porquês, como ocorre com o romance presencista na Literatura Portuguesa, iniciando-se aí o romance de introspecção, de aná-

lise vertical das personagens, para encaminhar-se para um romance existencialista ou romance de situação, até atingir os estágios do romance do absurdo, ou do anti-romance e do "nouveau-roman".

Em síntese e em conclusão, o romance verdadeiro já não é mera expressão burguesa para descanso e entretenimento de burgueses, mas antes um sério compromisso com a vida. Enquanto houver necessidade de tomada de consciência, de uma forma narrativa totalizante do ser e dos seus problemas e enquanto houver necessidade da arte, o romance ou qualquer forma narrativa que o substitua, tem de existir, para que haja sempre mundos iguais (e, se possível, melhores que os nossos) em que nos possamos rever e com que possamos nos consolar.

O que se pode prever é uma alteração radical da forma literária romance, mas não a sua total extinção ou, em outras palavras, a sua morte. O que ocorre é que o romance deixou de ser apenas entretenimento para se transformar num sério e inadiável compromisso com a vida.